

ANAIS do 10º Congresso Nacional de Espeleologia
Ouro Preto MG, 14-16 de novembro de 1975 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 10º Congresso Nacional de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/10cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

DIAS-JUNIOR, O.F.. Pesquisas Arqueológicas nas Grutas do Brasil. In: RASTEIRO, M.A.; CORBANI-FILHO, M. (orgs.). CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA, 10, 1975. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2018. p.61-71. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais10cbe/10cbe_061-071.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NAS GRUTAS DO BRASIL

Ondemar Ferreira DIAS JUNIOR

Diretor de Pesquisas do Instituto de Arqueologia Brasileira

INTRODUÇÃO

Qualquer tentativa de sumarizar as pesquisas arqueológicas desenvolvidas em território nacional em algum tipo de sítio em especial, grutas, abrigos, sambaquis, etc., tem que superar um obstáculo inicial, que diz respeito às fontes de informação, pois são raras aquelas que se restringem a qualquer um deles em especial. De qualquer forma, no entanto, o vulto das pesquisas nos últimos anos, mesmo englobando aspectos variados de abordagem, é considerável, resultando em uma já suficiente soma de informações. Estas, no entanto, ainda se limitam a certas áreas geográficas, onde o interesse, a existência de instituições de pesquisas onde pesquisadores capacitados, e outros fatores, propiciaram um desenvolvimento significativo. O litoral do país, em especial, é área razoavelmente bem conhecida, assim como certas regiões do interior, mormente no Sul, Sudeste e Nordeste do país. Vastas áreas, no entanto, permaneceram em branco¹.

A pesquisa em sítios cobertos é antiga no Brasil. Desde o século passado que pesquisas de cunho paleontológico se desenvolveram no interior de Minas Gerais, dirigidas por Peter Lund e, acreditamos mesmo, sejam também as primeiras que envolveram aspectos arqueológicos.

Já no século atual os trabalhos, com nítida influência arqueológica, foram prosseguidos na área do alto curso do Rio das Velhas, especialmente na região de Lagoa Santa. Destacam-se os trabalhos de Anibal Mattos (1961) e Walter (1958), que, inventariando dezenas de cavernas calcárias, e exumando farto material antropológico, muito contribuíram para nosso conhecimento extensivo da potencialidade - arqueológica da região.

Nos últimos anos a pesquisa se estendeu para áreas mais extensas do nosso país, sobretudo após o início do PRONAPA², desvinculando-se tanto da área lago-santense quanto do meio ambiental referido.

Tentaremos sumarizar os trabalhos mais importantes, divulgados através de bibliografia especializada. Repetimos que, no entanto, são muito raros os trabalhos específicos sobre sítios cobertos, estando, em geral, os mesmos inseridos em prospeções de áreas amplas, analisados

paralelamente a outros tipos de sítios, estes em campo aberto e que se constituem na grande maioria dos sítios pesquisados no país.

Utilizaremos a terminologia arqueológica brasileira (1966), segundo a qual os sítios cobertos se agrupam em duas categorias. Os “abrigos”, quando a profundidade é menor que a altura da área coberta, e as “cavernas” quando a altura é menor do que a profundidade.

PRINCIPAIS TRABALHOS

Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul temos notícias através de Brochado (1969) que pesquisou um abrigo com petroglifos³ situado em uma elevação de arenito. Na mesma ocasião, Mentz Ribeiro (1968 e 1969) efetuava pesquisas em três cavernas e dois abrigos, também inseridos em elevação arenítica, onde encontrou material conchífero trabalhado, artefatos líticos e ossos humanos esparsos, além de pontas de flecha. De significação especial foi a cerâmica tupi-guarani localizada da então, dado raríssimo neste tipo de sítio. Também um petroglifo foi então localizado.

Brochado (1971) localizou três abrigos isolados com petroglifos em “blocos de arenito isolados adiante de alinhamento principal da encosta do planalto” no Vale do Jacuí. Registrou uma camada ocupacional de 85 cm de profundidade, onde encontrou pontas de flechas, lascas e seixos trabalhados.

Mentz Ribeiro (1972 e 1975) encontrou, ainda no arenito, um grande abrigo que classifica como sítio de habitação, com cerâmica, artefatos ósseos conchíferos e exemplares raros de tecidos. Na mesma área mais três sítios, num dos quais encontrou enterramento distendido e cerâmica da Tradição TAQUARA, uma das mais importantes Tradições regionais do país com datação (C-14) ao redor de 1.320 dC (630 ± 205 SI 1.201).

Eurico Miller também registra sítios cobertos (2 cemitérios em abrigos sob-rocha) com material cerâmico da mesma Tradição TAQUARA, além de trançados de fibra vegetal, cera animal e conchas. Registrou paredes artificiais de proteção, feitas de taquara “sovada e trançada” na parte fronteira do

abrigo. Os enterramentos estavam em aterros alongados (1971).

Digno de registro é o seu trabalho (Miller 1974) em cerca de 50 sítios cobertos no Nordeste daquele Estado, pesquisa esta que se constituiu na mais extensa já publicada entre nós. Registrou cinco fases culturais, assim sumarizadas:

- Ω Fase UMBU (pré-cerâmica) - 4 abrigos no arenito do grupo "BOTUCATU", com camadas ocupacionais entre 40/50 cm. Pontas de projéteis, furadores e polidores. Datação em 2.330aC (4.280 ± 180 SI -233) e 4.000aC (5.950 ± 190 - SI - 234).
- Ω Fase ITAPUÍ - (pré-cerâmica) - 22 abrigos habitação 3 cemitérios, 74 de acampamento e 2 cavernas, com ocupação até 20 cm fora da área coberta e camadas de até 250 cm. Registrou cremação (incineração) de corpos. Artefatos de osso e líticos. Mais recente do que a anterior.
- Ω Fase CAMBOATÁ (pré-cerâmica) - 1 abrigo (arenito Botucatu) e 1 caverna (basalto) com alguns artefatos ósseos.
- Ω Fase TAQUARA (cerâmica) - 3 abrigos, onde além da cerâmica, encontrou cordame, sacola trançada, furadores e contas de colar de osso, além de peças líticas.
- Ω Fase MONJOLO (neo-brasileira) - 4 abrigos com cerâmica, que por vezes ainda são ocupados atualmente.

Santa Catarina

Piazza (1966) registra 5 cavernas e 3 abrigos no basalto e arenito, com líticos, enterramentos e sinalações, além de ossos soltos e datados ao redor de 1.040dC (910 ± 200 - SI - 227). Posteriormente (1967) localizou sete cavernas em "formação sedimentar permiana", com solos pouco profundos (média de 30 cm), e material cultural em pedra (batedores, machados, raspadores de núcleos, lascas, etc.).

Mais tarde (1969) encontrou, entre 700/1300m de altitude, quatro abrigos sob-rocha com material pré-cerâmico da fase denominada URUBICI. Recentemente (1974) publicou os resultados de seus trabalhos em sítios oficina, localizados no arenito permiano, com material cultural da fase denominada ITAIÓ com pontas de flecha e artefatos de lasca, datada entre 1290 e 1.660dC (SI-537 e 536)

Paraná

Uma das áreas onde a pesquisa arqueológica encontra-se mais desenvolvida em nosso território. Igor Chmyz, tem uma série de trabalhos em que focaliza sítios cobertos. Em região de formação basáltica localizou, em morro arenítico, um sítio com cerâmica e lítico, datado em 1.150 dC (800 ± 50 - SI-141), mais tarde denominado abrigo "Casa de Pedra" (Chmyz, 1967 e 1969) cujo material serviu de base para o reconhecimento de uma fase cerâmica local que recebeu este nome. Registrou, igualmente, um petroglifo. Outro sítio com cerâmica, também abrigo sob-rocha, foi registrado posteriormente (Chmyz 1971) com material da fase Candoi, da Tradição ITARARÉ.

No mesmo Estado, Laming – Emperaire (1968) refere-se a abrigos com pinturas e gravações e Andreatta (1968) resume as escavações realizadas na Gruta WOBETO, com líticos antigos e cerâmica da já citada Tradição "Casa de Pedra".

São Paulo

As descobertas de sítios arqueológicos em cavernas no Estado de São Paulo são relativamente antigas e se localizam, sobretudo, no Vale da Ribeira do Iguape. Dali temos notícias de Krone (1904 e 1913) a respeito de sítios cemitério com restos de fogueiras e artefatos líticos. Mais recentemente Pereira Junior (1967) sintetiza as descobertas anteriores, mas não conhecemos publicações técnicas atuais sobre o tema.

Minas Gerais

Conforme nos referimos na Introdução, as primeiras descobertas arqueológicas em grutas no Brasil foram efetuadas no território mineiro, no início do século passado, por Peter Lund que encontrou restos humanos associados à fauna extinta (Lund 1950).

Ao iniciar-se o século atual, um grupo da Escola de Minas de Ouro Preto encontrou restos humanos fossilizados na Lapa do Caetano (Anais nº 11 - 1909) segundo indicação de Cattoud (1935). Uma série de trabalhos foram efetuados desde então na área das primeiras descobertas, no alto e médio curso do Rio das Velhas, na bacia do São Francisco, na região internacionalmente conhecida como "Lagoa Santa" (que engloba área consideravelmente maior do que a do Município do mesmo nome). Nem sempre, no entanto, estes trabalhos se pautaram nas normas das pesquisas científicas

serias, tendo sido muito grande a destruição de sítios importantíssimos.

Anibal Mattos sintetiza bem o histórico da área e sumariza os aspectos mais importantes da mesma (Mattos, 1938 e 1961), sendo ele próprio um pesquisador. Outro que pesquisou durante anos as lapas locais e que publicou os resultados foi Walter, que em seu livro (1958) trata das descobertas em diversos abrigos e cavernas da região, com descrição do material e especulações cronológicas.

Ainda se discute sobre a contemporaneidade dos antigos habitantes das cavernas com os animais de fauna extinta ali encontrados pelos paleontólogos. Sabe-se hoje, no entanto, que a habitação humana dos abrigos e cavernas da área é consideravelmente antiga. Trabalhos de uma equipe, dirigida por Wesley Hurt que procedeu escavações sistemáticas, propiciaram uma visão mais clara e menos especulativa do que aquelas até então em voga. Os dados obtidos permitiram constatar que há mais de 9.000 anos o homem já se encontrava na região (9.720 ± 128 ou 7.770 aC - P.521 e 9.028 ± 120 ou 7.078 aC - P.519 - segundo Hurt: 1964 e 1969). Foram encontrados artefatos líticos e de concha, além dos restos esqueléticos.

Fernando Altenfelder (1970) e Marília Alvim (1972) fizeram recentemente abordagens generalizadoras sobre as teorias a respeito das alterações climatológicas e sobre as características antropométricas e culturais das populações lagossantenses.

As descobertas prosseguem na área, como aquela divulgada por Reis (1969) sendo que é provável que em breve tenhamos uma ideia muito mais exata sobre a Pré-História regional. Uma série de intensas pesquisas vem sendo feitas nos últimos anos pela equipe da Missão Franco Brasileira em Lagoa Santa, sob a direção da Profa. Annette Emperaire, sobretudo com a escavação da Lapa Vermelha II, talvez a mais completa já executada no país. Os primeiros dados foram divulgados recentemente (Emperaire 1975) e malgrado a pobreza do material cultural do sítio as informações dele advindas são de interesse imenso pelo que a contribuirão para uma ideia muito mais completa a respeito das variações ecológicas da área.

São muito mais raras e mais recentes as notícias sobre pesquisa em cavernas fora da área de Lagoa Santa, exceto no que diz respeito às pinturas e gravações tão abundantes no vasto território mineiro. Não nos ocuparemos, aqui, deste tema, pela vastidão, aspectos controvertidos e

insuficientes, ainda de dados. Palestrini (s/d) analisa de forma sucinta e clara o assunto em artigo recente. Trabalhos da nossa própria equipe, efetuados sobretudo a partir de 1968, tem revelado uma multidão de sítios cobertos, cavernas e abrigos, calcários ou não, nos vales do Rio Grande e do próprio São Francisco. Temos divulgado, em veículos técnicos, as nossas principais descobertas. Uma síntese analítica está sendo divulgada pelo Boletim do I.A.B., já em fase de publicação (Carvalho e Cheuiche no prelo).

Durante o IV ano do PRONAPA⁴ registramos cavernas basálticas e areníticas com fotografias no Vale do Mogi-Guaçu e Verde (Rio Grande) e no ano seguinte uma série de cavernas calcárias no alto São Francisco, em Piumhy e regiões limítrofes (Dias Junior: 1971 e 1974). As cavernas calcárias do alto São Francisco foram ocupadas por grupos ceramistas que as utilizavam como habitações, sendo até agora, inexistentes os restos esqueléticos. Além da cerâmica exumamos artefatos de osso, concha e poucos líticos. Pudemos observar que ao redor de algumas cavernas, nas elevações vizinhas, existiam inúmeros sítios com cerâmica idêntica - fase Piumhy - Tradição UNA.

Em 1971 efetuamos uma escavação na caverna calcária denominada "Buracão dos Bichos" com camadas de ocupação arqueológica superiores a 120 cm e com cerâmica até o nível 70 cm. O material resultante permite uma sequência seriada que organizou os dados até então disponíveis, inter-relacionando-os e permitindo uma relativa situação entre eles (Dias Junior: 1974). Posteriormente o sítio foi praticamente destruído por "arqueólogos amadores" e caçadores de relíquias. As datações para o mesmo são: 110 e 950 dC (1.840 ± 90 e 1.000 ± 90 - SI 2.368 e 2.369).

Material proveniente de outras cavernas situadas à jusante de Piumhi vem sendo analisado, mas ainda não podemos divulgar os resultados por incompletos, exceto no que diz respeito à fase Cochá. Esta é tupi-guarani e tem sítios relacionados à cavernas calcárias da região do Rio Cochá, fato muito raro, conforme nos referimos quando da descoberta semelhante no Rio Grande do Sul. Dados preliminares a respeito da Fase Cochá, localizada na região de Montalvânia, foram divulgados recentemente (Pene e Dias 1971).

Em inúmeras cavernas do São Francisco tem sido encontrados artefatos líticos lascados, muito interessantes e que se espalham por vasta área, até a região do Alto Paracatú e que devem se relacionar a uma ocupação muito arcaica dos mesmos. Recentes

datações confirmam a hipótese: são elas: 6.265 aC e 5.345 aC (8.215 ± 120 e 7.295 ± 150 SI - 2.372 e SI - 2.373). Nesta mesma área, pesquisada por Franklin Levy, de nossa equipe, ficou evidenciada também uma ocupação ceramista das cavernas regionais. A fase ainda em etapa de diagnose, que deverá ser denominada “fase Paracatú”, não tupi-guarani e possivelmente relacionada à Tradição UNA, ficou datada em: 1.135 e 1.215 dC (815 ± 85 e 735 ± 60 - SI 2.370 e 2.371).

Mato Grosso e Goiás

Em Mato Grosso são abundantes as cavernas com petroglifos. Tivemos a oportunidade de ver em comunicação pessoal, do falecido pesquisador Lehel Silimon, vasto material fotográfico a respeito de cavernas com gravações. Infelizmente este material ainda não foi publicado.

Beltrão (1972) refere-se à descoberta, feita por Cid Albernaz, de caverna em terreno arenítico, em Coronel Ponce, que também possui petroglifos.

Não temos conhecimento de outros sítios do tipo, embora sejam abundantes os sítios cobertos naquele Estado.

Em Goiás foram registradas inúmeras grutas e abrigos, em terreno calcário ou não, por Simonsen (1975). Esta pesquisadora nos fala de grutas e abrigos com artefatos líticos e cerâmicos, além de pictografias. Em um caso (Lana da Pedra) foram recolhidos ossos. Um detalhe interessante, e que poderá mostrar futuras correlações, é a existência de pinturas de pés com seis dedos, muito semelhante às registradas pelo I.A.B. em Montalvânia, Minas Gerais.

Para a citada gruta há uma datação, segundo a mesma fonte em 4.560 ± 150 aC.

Rio de Janeiro

A região fluminense é uma das mais interessantes pesquisadas no país, mas são relativamente poucos os sítios cobertos, em sua maioria pesquisados pelo autor e sua equipe.

Salles Cunha (1.964) refere-se a uma caverna em Sarucaia, onde encontrou artefatos tecidos (uma sacola com dentes) e cerâmica.

Na mesma região, isto é, na Serra, desde 1963 (Dias Junior) temos encontrado e registrado sítios. Pudemos mesmo determinar uma fase cultural, denominada MUCURI (Dias Junior: 1.967 e 1969)

que tem seus sítios predominantemente associados à áreas cobertas.

Esta fase cerâmica representa grupo de agricultores que davam preferência a depositar seus mortos em cavernas de difícil acesso, geralmente localizadas à beira de precipícios ou nos íngremes paredões graníticos e basálticos. Alguns abrigos foram ocupados como local de acampamento. Graças ao microclima desses sítios, muito seco, foi possível encontrarmos razoável quantidade de peças tecidas, artefatos de madeira, adornos de dentes, peças ósseas e algum material antropológico, cujas características principais resumimos recentemente (Alvim & Dias 1.973).

As peças cerâmicas (urnas) com os ossos e seu acompanhamento funerário eram depositados nestes abrigos e cavernas, onde, graças às condições ambientais propícias e o isolamento, permaneceram até a descoberta. Em alguns casos, somente os ossos eram colocados em prateleiras rochosas.

Na área litorânea, em meio aos matacões graníticos e gnáissicos, que formam áreas cobertas, registramos também ocupação neo-brasileira, caracterizada por artefatos de cerâmica, louça e metal.

Este material, já classificado em duas fases culturais, se estende do litoral central fluminense ao extremo sul do Estado.

A fase MUCURI tem sítios muito antigos, datados desde o VI^o século (550 dC - 1.453 ± 65 SI - 705) e as neo-brasileiras devem se estender do século XVII ao atual.

Espírito Santo

No interior capixaba, muito semelhante ao fluminense, com suas serras graníticas e basálticas, inúmeros abrigos e cavernas, também foi registrada ocupação humana do mesmo grupo cultural da fase - MUCURI. Os pontos de contato são evidenciados quer nas características cerâmicas, quer nas práticas funerárias. A fase TANGUI, juntamente com a MUCURI, se filiam à Tradição UNA. Perota (1969) registra cinco sítios do tipo e descreve as características principais do seu material cultural (Perota: 1970 e 1974).

Bahia

Neste Estado são abundantes as cavernas e abrigos, mas, segundo os dados publicados, o único traço cultural associado é a sinalação (pinturas e

gravuras). Ott (1958) refere-se a inúmeras grutas dando destaque à do “Buraco d'Água” com pictografias e Calderón (1969) fala em grutas localizadas no granito e em terrenos calcários, com abundante cópia de sinalções.

Pernambuco

As descobertas foram mais significativas em Pernambuco. Calderón escavou a Gruta do Padre (Calderón: 1969) localizada no “arenito conglomerático” com camada ocupacional superior a 106 cm, onde exumou artefatos lascados, artefatos de concha (plaquetas e contas) além de restos de tecidos, dentes perfurados, etc. Registrou, igualmente, enterramentos crematórios, dado muito significativo e raro. Os níveis mais antigos estão datados em 5.630 ± 440 aC (SI-644).

Laroche (1969) publicou suas descobertas a respeito de um abrigo funerário, onde além dos ossos, encontrou acompanhamento funerário lítico e posteriormente (1970) refere-se as escavações praticadas em uma caverna granítica denominada “Pedra do Caboclo” onde encontrou cerâmica, ossos líticos e artefato de metal. Mais recentemente, (1973) publicou o resultado de seus trabalhos de salvamento numa caverna granítica onde foram encontradas peças cerâmicas com ossos.

No ano corrente o mesmo autor (Laroche: 1975) retoma o assunto, divulgando uma análise mais completa dos restos culturais recolhidos em sítios já descobertos, dando, ademais, a sua localização cronológica em 6.450 ± 200 aC. Divulga, igualmente os trabalhos em mais onze sítios cobertos, com cerâmica funerária da Tradição denominada “Pedra do Caboclo”, datada entre 400 e 1.500 dC e uma série de fases pré-cerâmicas, cujas datações vão de 5.175 ± 140 aC a 850 ± 95 aC.

Destaca-se a fase “MACHADOS” também relacionada à caverna onde o autor registra práticas funerárias por incineração.

Paraíba

Embora selam muito difundidas as notícias a respeito de sítios com pinturas e gravações naquele Estado, são raras as descobertas publicadas a respeito de sítios cobertos.

No século rasgado Jofilly (1892) refere-se a uma gruta, na Serra da Canastra, onde existiam ossadas. Do mesmo teor é a notícia de Machado (1912) a respeito de gruta funerária, de difícil

acesso, na Serra do Algodão. Recentemente, Rodrigues (1968) referiu-se a um abrigo-sob-rocha com pinturas, na Serra das Flechas e Parnes e Souza (1971) inventariaram três abrigos com pictografias, dois em grupos de rochas de gnaiss e um calcário, com algum material lítico associado.

Piauí

No Piauí são abundantes e antigas as notícias a respeito de sítios arqueológicos, mas foram pesquisas recentes da equipe do Museu Paulista (1973 e 1974) que divulgaram uma série de sítios cobertos, muitas deles também com pinturas rupestres. O mais importante desses sítios, segundo as publicações, é a Toga do Gongo, onde foram encontrados cinco enterramentos, sendo dois em urnas e três envolvidos em rede. Este está datado ao redor do ano 140 aC (2.090 + 110).

Amazônia

Nesta imensa área são raros os sítios cobertos, nela própria formação geológica da região. Publicação do século passado (Barbosa Rodrigues, 1.890) noticiou a descoberta de grutas em OBIDOS (área do TROMBETAS). Costa (1959) volta a falar nelas no capítulo sobre cavernas, incluindo, ainda, a área de MIRACANGUERA.

No Amapá (Ferreira Pena, 1885) foram encontradas cavernas naturais, longe da várzea do rio Maracá, com urnas funerárias aí depositadas, com cinzas. Notícia semelhante nos é transmitida por Hart (1885) a respeito de abrigos rochosos na mesma área.

CONCLUSÕES

Referimo-nos, na introdução, à bibliografia sobre o tema em nosso país, ressaltando as dificuldades e a relativa raridade da mesma, em meio a já razoável quantidade de trabalhos sobre arqueologia brasileira. Cabe, no entanto, destacarmos inicialmente, um fato auspicioso, facilmente observável que é o seu significativo aumento de número nos últimos anos.

Também os dados contidos nos trabalhos mais recentes são muito mais completos, portando-se melhor a um trabalho de síntese como este que intentamos. Infelizmente ainda ocorrem falhas, como a inexistência de dados sobre os sítios, suas dimensões, rocha matriz, etc., assim como também dados mais completos sobre as descobertas

arqueológicas registradas. Em muitos casos possuímos somente vagas referências, menções feitas de passagem, muito amplas e incompletas.

Com todos estes obstáculos, baseando-nos nos dados disponíveis, podemos tirar algumas conclusões generalizadas, que poderão ser confirmadas mais tarde, ou negadas pelas posteriores descobertas.

Inicialmente podemos verificar que os sítios cobertos foram ocupados desde um longínquo passado (a datação mais antiga até o momento é a de Hurt para o abrigo sob-rocha nº 6, de Minas Gerais 7.770 aC), até épocas muito recentes (ainda em uso segundo o dado referido por Miller, no Rio Grande do Sul). De permeio uma grande variedade de datações, mostrando que, aparentemente, a utilização destes abrigos naturais pelas comunidades arqueológicas não se prendeu a um tipo determinado de pressão do meio desde que acreditamos tenham ocorrido variações ecológicas significativas neste período de tempo abrangido.

Restos arqueológicos variados, geralmente associados a padrões de comunidade diferentes têm sido encontrados nos sítios cobertos, desvinculando-os, portanto, de qualquer uma delas em exclusividade. Desta forma, pontas de projéteis e outros artefatos líticos geralmente vinculados a bandos de caçadores coletores, nômades, foram registrados nas cavernas do Sul do país. Cerâmica variada, certamente associada à grupos agrícolas, permanentes ou semipermanentes, também são muito comuns nas cavernas. Nós mesmos pudemos registrar que a fase PIUMHI em Minas Gerais, tem sítios cobertos e terrenos de plantio associados. Podemos inferir, portanto, que os abrigos e cavernas foram utilizados segundo a necessidade do grupo que habitava a região. A duração da ocupação dos sítios é que deve ter variado segundo o padrão das comunidades locais, mas este é um ponto a ser confirmado por descobertas futuras. Por analogia à outras áreas, fora do nosso país, julgamos correta a interpretação acima. De qualquer forma, a existência de locais seguros, que garantiam proteção contra elementos climatológicos e contra predadores, agiu como atrativo para fixação, mesmo temporária, de grupos de culturais diferentes.

Quanto à área de ocupação, pudemos observar, através de nossos próprios trabalhos, e das publicações que se referem a este dado, que a parte iluminada das cavernas é praticamente a única que apresenta sinais de habitabilidade. Estas evidências se prolongam para o exterior. Não conhecemos nenhum informe sobre habitação nas partes escuras

das cavernas, exceto quanto à utilização, destas áreas, para sepultamento. Também existem casos de utilização destas áreas para pinturas ou gravuras, nas partes escuras das cavernas, mas em nosso país a esmagadora maioria das pictografias e petroglifos se localizam na área iluminada, o que, até certo ponto, contrasta com as sinalações europeias.

Foram registrados casos de abrigos e cavernas que possuem sinalações e outros tipos de ocorrências arqueológicas. A relação entre ambas, no entanto, ainda está muito difícil de ser estabelecida. Sítios com sinalações e enterramentos ocorrem no Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Quanto aos tipos de enterramentos registrados, temos algumas observações interessantes. Nas cavernas que possuem datações muito antigas, foram registrados enterramentos crematórios, isto é, o cadáver foi incinerado. Esta evidência foi constatada na Gruta do Padre (5.630 5.175 aC - Pernambuco) e na fase "MACHADO" (Laroche: 1975) do mesmo Estado. Em data mais recente, este costume foi registrado na fase ITAPUI, no Rio Grande do Sul (cerca de 2.000 aC) segundo Miller (1971).

Na Amazônia, em data considerada bem mais recente, registram-se urnas funerárias com cinzas na região do rio Maracá. Ossos esparsos enterrados foram também encontrados em horizonte cronológico muito antigo em Goiás (4.560 aC), sendo que em Santa Catarina é dado mais recente (1.040 dC). Nas cavernas calcárias de Minas Gerais faltam associações completas do tipo, mas há relações referidas por Hurt que nodem colocar ocorrência do tipo no horizonte referido anteriormente como o mais antigo já estabelecido para as cavernas brasileiras (7.770 aC).

Enterramentos distendidos foram encontrados no Rio tirando do Sul e datados em 1.320 dC, associados à fase Taquara de Miller (71) e em Santa Catarina, em período um pouco mais antigo, (segundo Piazza 1966) cerca de 1.040 dC. Segundo informes pessoais na região de Montes Claros, em Minas Gerais, há termos foram retirados enterramentos do tipo em cavernas locais.

Sepultamentos em abrigos, prateleiras rochosas e cavernas, geralmente de difícil acesso, articulados ou não, são comuns e anotados em partes diversas do país. No Rio Grande do Sul o foram por Mentz Ribeiro (1968 - 69); em São Paulo por Krone (1913); em Minas Gerais por Laming Emperaire (1975) e no Estado do Rio de Janeiro por

Dias e Alvim (1973). Estes sepultamentos são de difícil datação, mas é provável que cubram uma larga margem de tempo.

Finalmente, o sepultamento em urnas, geralmente depositadas à superfície de abrigos e cavernas de acesso difícil, é o tipo aparentemente mais recente, e ao que tudo indica, inexistente ao Sul do Rio de Janeiro. Práticas funerárias do tipo foram registradas por Dias Junior (1963 -73) em território fluminense. Perota (1974) no Espírito Santo e Laroche (1975) no Estado de Pernambuco e no Piauí, pela equipe do Museu Paulista (1973) as datações coincidem para os casos, entre 400 1.600 dC, possivelmente se alongando para períodos bem mais recentes em ambos os casos. Na Amazônia é caso registrado também por Hornet (1957) como prática ainda em uso. Há o registro, da equipe do Museu Paulista, de enterramentos em rede, encontrados no Piauí, com datarão de 140 aC. A única referência similar que possuímos, é aquela de um corno ressecado, envolvido em rede, à mostra na Exposição do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e proveniente de uma caverna calcária do Vale do Rio Grande (bacia do Paraná) em Minas Gerais.

Há muito ainda a ser esclarecido, fatores que necessitam ser ordenados tanto cultural quanto cronologicamente. É necessário que sejam estabelecidas correlações mais completas e estas

somente serão organizadas com a multiplicação de dados oriundos de escavações sistemáticas e tecnicamente conduzidas. A importância da pesquisa arqueológica em cavernas não diz respeito somente à necessidade de melhor conhecermos as variações climatológicas do passado, e sim também para o estabelecimento dos padrões culturais de adaptação a estas contingências e variantes.

Finalmente, e graças à estabilidade de fatores que constituem o microclima das cavernas, que muitos restos arqueológicos se conservam. A grande quantidade de restos de artefatos confeccionados em concha, ossos e tecidos, citados neste trabalho, pode até iludir, no sentido de fazer crer ser o mesmo comum em nossa arqueologia. Tal fato não se dá. Eles são extremamente raros, pois, na maioria das vezes, nos sítios abertos fatores do meio contribuem para sua destruição. É nas cavernas e nos abrigos que eles melhor se conservam e é aí que devemos buscar as informações para um inventário o mais completo possível deste material. Tal somente seria viável se as cavernas e abrigos existentes em nosso território fossem mantidos à salvo da destruição comercial e da depredação ocasionada pelos colecionadores ou despreparados arqueólogos amadores, que, infelizmente, ainda se fazem presentes em ampla área do nosso território.

BIBLIOGRAFIA

- ALTENFELDER SILVA, Fernando. 1970. Um esquema Interpretativo de Arqueologia Brasileira. XXXIX Congresso Internacional de Americanistas. Simpósio: Formaciones Autoctones de América.
- ALVIM, Marflia C.. 1972. População e Culturas Pré-históricas do Brasil. Análise da Formação das cavernas e do tipo físico do "homem de Lagoa Santa".
- ALVIM, M.C. & DIAS JUNIOR, O.. 1972-73. Relações Biológicas e Culturais de Populações Indígenas da Fase Mucuri com grupos de Tronco Macro-Jê. Anais da Academia Brasileira de Odontologia-RJ
- ANDREATTA, Margarida P.. 1968. Notas Parciais sobre Pesquisas realizadas no Planalto e Litoral do Estado do Paraná. In: Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. Pesquisas nº 18, p. 65/76. Gruta do Wobeto com cerâmica e lítico. Cerâmica da Tradição Casa de Pedra.
- BARBOSA RODRIGUES, J.. 1890. Poranduba Amazonense – Rio. Refere-se às descobertas na área amazônica, região do Trombetas, região de Óbidos.
- BELTRÃO, Conceição M.C.. s/d (1972). Gravuras e Pinturas Rupestres no Brasil (mimeografado). Refere-se a gruta descoberta por Cid Albernaz em Coronel Ponce em terreno arenítico. Possui petroglifos.
- BROCHADO, J.P.. 1969. Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí In: PRONAPA III - P.A.M.P.E.G. nº 13, p. 31/62. Abrigo com petroglifos, arenito, petroglifos.

- BROCHADO, J.P.. Extensão das pesquisas arqueológicas nos Vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim, p. 11/36. Três abrigos com petroglifos sendo um também lítico. Blocos de “arenito isolados adiante do alinhamento principal de encostas do planalto”. Vale do Jacuí, camada arqueológica até 85 cm de profundidade artefatos líticos, ponta de flecha, lascas e seixos.
- CALDERÓN, Valentim. 1967. Abrigos com pinturas rupestres dois sítios, granito e calcário, pinturas e gravuras. PRONAPA I “Noticias Preliminares sobre a Sequência Arqueológica do Médio São Francisco e da Charada da Diamantina, estado da Bahia”, p. 107/120 - Pub. Av. M.G., nº 6.
- CALDERÓN, Valentim. 1969. Nota Prévia sobre Arqueologia das Regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia, PRONAPA II, p. 135/146. Gruta do Padre, Rio São Francisco (Pernambuco) próximo a Petrolândia, escavações sistemáticas 9.70 larg. x 5,85 prof., arenito conglomerático. Prof. maior - 1.06m lascas, raspadores em sílex, lascamentos e pressão - perícia de desocupação - níveis superiores: evidências de artefatos líticos polidos, restos de tecidos. Enterramentos crematórios, contas de colar, plaquetas de concha, dentes humanos perfurados, etc. Nível mais profundo: 5.630 ± 440 aC (SI - 644) mais abrigo com pintura, cavernas de Mandiaçu (Serra Solta), desenhos estilizados.
- CARVALHO & CHEUCHE. (no prelo) - sobre a sub-fase CATUNI.
- CATHOUD, Arnaldo. 1935. A raça de Lagoa Santa e o Pleistoceno Americano Belo Horizonte. Refere-se aos “Anais da Escola de Minas de Ouro Preto”, nº 11 de 1909. Segundo o qual foram encontrados ossos humanos fossilizados na Lapa do Caetano. Citando ainda que em Confins foram encontrados, igualmente, ossos de 80 indivíduos, se Bundo Padberg Drenkpoll.
- CHMYZ, Igor. O sítio arqueológico PR-VV-1 (Abrigo sob-rocha Casa de Pedra), Arqueologia nº 3, p. 42, UFPr - CEPA – Curitiba. Datação em 800 ± 50 bP (SI-141). Região basáltica porém, o sítio está em um morro de formação arenosa - cerâmica e líticos.
- CHMYZ, Igor. 1969. Pesquisas Arqueológicas no Alto e Médio Rio Iguaçu, p. 103/132. O sítio PR-UV-1, ocupação do abrigo “Casa de Pedra” escarna basáltica, dois sítios, um com petroglifo, datação para período cerâmico aD - 1.150 ± 50 (SI-141).
- CHMYZ, Igor. 1971. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu Fase Candoi -Tradição ITARARÉ. Sítio em abrigo com cerâmica. p. 87/114 PRONAPA IV.
- COSTA, Angyme. 1959. Introdução à Arqueologia Brasileira (Etnografia e História). Brasiliana, vol. 34, São Paulo, 3ª edição. Um capítulo sobre cavernas, sobretudo Minas e área amazônica - Miracanguera e Óbidos.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. 1967. Síntese das Prospecções realizadas no Estado do Rio de Janeiro pelo Segundo Ano do PPOONAPA. Boletim do I.A.B. nº 5, p. 6/22, Rio de Janeiro.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. 1969. Fase Mucuri (RJ). Anais do III Simpósio de Arqueologia da área do Prata. Pesquisa nº 20, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, p.113/119, RS.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. Resultados Preliminares do Segundo Ano de Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro, Fase Mucuri - PPOONAPA II, 119/134 Pub. As. 10.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. 1972. Síntese da Pré-História do Rio de Janeiro uma tentativa de periodização. Revista “História”, nº 2.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. 1974. Nota Prévia de Pesquisas Arqueológicas em Minas Gerais, p.105/116, PRONAPA V.



- FERREIRA PENA. 1885. Apontamentos sobre Cerâmios do Pará. Arquivos do Museu Nacional, vol. I, RJ. Sobre descobertas em cavernas do Rio Maracá. As peças estavam sobretudo em cavernas naturais longe do Rio Maracá. Não estavam enterradas.
- HART, C.F.. 1885. Contribuição para a Etnologia do Vale do Amazonas. Arquivo Nacional, volume VI. Rio sobre o mesmo assunto, porém refere-se a abrigos rochosos.
- HOMET, Marcel. 1957. Os Filhos do Sol. IRBRASA-SP.
- HURT, Wesley. 1964. Recent Radiocarbon Dates for Central and Southern Brazil. Data o abrigo sob-rocha nº6 de Lagoa Santa em 9.028 ± 120 (7.078 aC) P519 e 9.720 ± 128 (7.770 aC) P521.
- HURT, Wesley & BLASI, Oldemar. 1969. O Projeto Arqueológico Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil: Nota Final MP/A, 4, p.1/63. Descreve as escavações empreendidas, artefatos de concha e cerâmica em seis cavernas.
- JOFFILY, Irineu. 1892. Notas sobre a Paraíba - Rio Janeiro. Fala em gruta na Serra da Canastra em local de acesso difícil, com restos de ossadas.
- KRONE, Ricardo. 1904. Grutas Calcárias do Vale da Ribeira. Revista do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas, Ano III.
- KRONE, Ricardo. 1913. O cemitério de Pombeva. Revista do Museu Paulista, vol. X. Restos de fogueira e artefatos de pedra.
- LAMING EMPERAIRE, A. 1968. Descobertas de Pinturas Rupestres no Planalto Paranaense. In: Revista do CEPA, nº 1, Curitiba, p.81/97. Abrigos com pinturas e gravações.
- LAMING EMPERAIRE, A. 1975. Grottes et Abris de la Region de Lagoa Santa, Minas Gerais. Bresil. par Laming Emperaire, A. Prous, A. Vilhena de Moraes, M. Beltrão. Cahiers d'Arqueologie d'Amerique du Sud-1.
- LAROCHE, Armand F. 1969. Nota Prévia sobre um Abrigo Funerário do Nordeste Brasileiro. Universitas, 3/4. Refere-se a dois esqueletos encontrados em um abrigo e com acompanhamento funerário lítico.
- LAROCHE, Armand F. 1970. O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo: relato de uma pesquisa na zona do agreste pernambucano – SEC. II escavações no sítio basáltico com cerâmica, ossos líticos e objetos de metal.
- LAROCHE, Armand F. 1973. Uma pesquisa de Salvamento Arqueológico na Caverna do Angico – PE. Universitas, nº 14, p.99/120, Salvador. Caverna funerária (com cerâmica) granítica (blocos).
- LAROCHE, Armand F. 1975. Contribuições para a Pré-História Pernambucana Secretaria de Educação Cultural do Estado de Pernambuco - Ginásio Pernambucano PE.
- LUND, P. Wilhelm. 1950. Memórias sobre a Paleontologia Brasileira I.N.C. Rio. Primeiras referências à “raça de Lagoa Santa”.
- MACHADO, M. Lopes. 1912. História das Províncias da Paraíba. Impresso Oficial – Paraíba. Refere-se a achados de ossadas nas cavernas da serra do Algodão de muito difícil acesso.
- MATTOS, Anibal. 1938. Pré-História Brasileira. Brasiliana, vol. 130, São Paulo. Estuda as cavernas, de uma forma geral, desde a sua formação geológica à ocupação pré-histórica e as principais descobertas.

- MATTOS, Anibal. 1961. O Homem das Cavernas de Minas Gerais. Ed. ITATIAIA, Belo Horizonte. Sintetiza o assunto, tratando das principais descobertas até a época e descrevendo os principais sítios da região.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.. 1968. Os sítios Arqueológicos do Vale do Rio Caí. In: Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da área do Prata. Pesquisa, nº 18, p. 153/169. Três cavernas e dois abrigos em arenito, 70 cm de profundidade, material conchífero, artefatos líticos e cerâmica (sendo que alguns casos TUPIGURRANI), ossos humanos esparsos, pontas de flecha.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.. 1969. Inscrições Rupestres no Vale do Rio Caí. An. Arqueológico Etnográfico. Mendoza, p. 113/129. Petroglifos no abrigo Virador I.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.. 1972. Sítio RS-C-14 - Rom Jardim 1972 Velho (Abrigo sob-rocha). Iheringia, nº 2, p. 15/58, Porto Alegre – RS.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.. 1975. Os abrigos sob-rochas do Virador no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Três abrigos areníticos, cerâmica Taquara e artefatos líticos, enterramentos distendidos, datação de 630 ± 205 ou 1.320 aD (SI-1.201).
- MILLER, E.T.. 1971. Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, RS. PRONAPA IV, p. 37/70. Foram pesquisados dois enterramentos em abrigo sob-rocha com material cerâmico da fase Guatambu (T. Taquara), aterros alongados, acompanhamento de restos de fogueira, trançado de fibra vegetal, cera animal e conchas do lamelibranquios. Evidência de paredes artificiais feitas de taquara “sovada e trancada” na parte fronteira dos abrigos.
- MILLER, E.T.. 1974. Pesquisas Arqueológicas em abrigos sob-rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. 50 sítios ao todo foram pesquisados, criador de 5 fases culturais. PPNAPA V UMBU - ITAPUI - CAMBOATA - TAQUARA – MONJOLO, nº 26.
- MUS. PAULISTA. 1973. Missão de Estudos no Estado do Piauí. Primeiro Relatório da Universidade de São Paulo refere-se à Toca do Gongo, onde foram encontrados 5 enterramentos sendo 2 em urnas e 3 envolvidos em rede.
- MUS. PAULISTA. 1974. Missão de Estudos no Estado do Piauí. Segundo Relatório da Universidade de São Paulo. Referência a 8 sítios cobertos, sem referência a rocha matriz, os abrigos possuem pinturas. Anexo à análise de 2 esqueletos de 5 sepultamentos retirados da Toca do Gongo. Está datada em 140 aC (2.090 ± 110).
- OTT, Carlos. 1958. Pré-História da Bahia. Livraria Progresso Editora. Refere-se a inúmeras grutas, entre elas a do Buraco d'Água, com pinturas.
- PARNES, M & SOUZA, A.M.. 1971. Relatório das Pesquisas Arqueológicas no Ceará. Centro de Informações Arqueológicas - mult. Rio. Entre diversos sítios, registram 3 abrigos com pictografias - gnaïsse, gruta calcária, gnaïsse (material lítico).
- PAULO COUTO, Carlos. 1971. Mamíferos Fósseis das Cavernas de Minas Gerais. Espeleologia, Ano III, nº 3-4 p. 3/5.
- PEREIRA JUNIOR, J.A.. 1967. Introdução ao Estudo da Arqueologia Brasileira. Gráfica Bentivegua, São Paulo. Em seu capítulo sobre cavernas refere-se ao Estado de São Paulo e sumariza as descobertas mais antigas.
- PEROTA, Celso. 1969. A Ocorrência de Cerâmica da Tradição UNA no Espírito Santo. Pesquisas nº 20, p. 90/92. Cinco sítios com material da fase Tangui, relacionada à Tradição UNA no Vale do Rio Jacuí.



- PEROTA, Celso. 1970. Abrigo Sob-rocha “Mestre Alvo”. Revista de Cultura, nº 4, p. 43/52. Abrigo com material da Tradição UNA.
- PEROTA, Celso. 1974. Resultados Preliminares sobre a Arqueologia da Região Central do Estado do Espírito Santo. PRONAPA V, P.A.M.P.E.G., nº 26. Abrigo sob-rocha - cinco - gnaisse ou basalto - Fase Tangui, Tradição UNA.
- PIAZZA, W.. 1966. As Grutas de São Joaquim e Urubici (Notas de Pesquisa) UFSC - I. A. Série Arqueologia, nº 1. Trabalho em cinco grutas e três abrigos, basalto e arenito. Líticos, enterramentos e sinalações, ossos soltos.
- PIAZZA, W.. 1967. Notas Preliminares sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. p.39/46, PRONAPA I. Sete grutas em formação sedimentar permiana - solo pouco profundo (30cm).
- PIAZZA, W.. 1969. A Área arqueológica dos Campos de Lages, p.63/74, PRONAPA III. Quatro abrigos sob-rocha, material pré-cerâmico da fase Urubici, raspadores batedores e mão de pilão em basalto.
- PIAZZA, W.. 1974. Dados à Arqueologia do Litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. PRONAPA V, nº 26, p. 53/60. Sítios oficina arenito permiano, ao longo de cursos d'Água. Fase Itaió.
- REIS, J. Augusto. 1969. Gruta dos Estudantes em Matosinhos – MG. Espeleologia, Ano I, nº 1, p. 16/5. Pinturas rupestres.
- RODRIGUES, C.C.. 1968. Relembrando a Primeira Expedição do I.A.B.. Boletim do I.A.B., nº 6, p. 7/11. Refere-se a um abrigo sob-rocha com pintura na Serra das Flechas.
- SALLES CUNHA, E.. 1964. Contribuição ao Estudo das Populações Indígenas do Vale do Paraíba: aspectos da Patologia Dentária. Niterói, Faculdade de Odontologia-UFF II, p. 3/19.
- SIMONSEN, I.. 1975. Alguns sítios Arqueológicos da Série Bambuí em Goiás (Notas Prévias). UFGO - Museu Antropológico.
- WALTER, H.V.. 1958. Arqueologia da Região de Lagoa Santa - Minas Gerais (Índios Pré-colombianos dos abrigos - rochedos). SEDEGRA – RJ.

¹ Nos últimos anos uma série de trabalhos, cientificamente orientados vem diminuindo as áreas não abordadas anteriormente. Mesmo assim, pelo pequeno número de pesquisadores e de instituições capacitadas, além do crônico problema da dificuldade de financiamentos, muito ainda está por ser descoberto e pesquisado em nosso país.

² O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas instalou-se em 1965 e permaneceu até 1970, com pesquisadores de diversos Estados da Federação. Foi patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e Smithsonian Institution, com a devida autorização do IPHAN. Pela primeira vez no Brasil um trabalho de tal envergadura foi tentado, com os pesquisadores orientados e utilizando técnica, metodologia e terminologia homogêneas, o que facilitou as conclusões gerais. Dele participamos, sendo responsáveis pelos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

³ Segundo os parâmetros estabelecidos pela “Tecnologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica” (Brochado et Alii - 1966) as pictografias englobam todas as pinturas rupestres, em cavernas, etc., ficando designadas como petroglifos ou gravações.

⁴ No IV ano do PRONAPA (1968 - 69) pesquisamos a área dos Rio Verde e Sapucaí (bacia do Grande-Paraná) no Sul do Estado de Minas Gerais.